

Geomorfologia: a natureza e a sociedade

A última Lição do Professor Doutor

Lúcio Cunha

Marisa das Neves Henriques *¹

¹Universidade de Coimbra

Deus preserve uma terra de caber num livro!

Miguel Torga, 23 de abril de 1943

No dia 08 de julho do presente ano, pelas 15 horas, o anfiteatro II da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra povoou-se para homenagear o Académico, o Professor, o Mestre, o Colega, o Amigo Doutor Lúcio Cunha e agradecer a sua inquebrantável dedicação à *res academica*.

Além dos vários cargos de ordem científica ligados à docência e à investigação, o Professor Lúcio Cunha assumiu variadíssimas posições de gestão na Universidade de Coimbra (nomeadamente enquanto Vice-Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras, Presidente do Conselho Diretivo e Diretor do Departamento de Geografia) e em diversas Associações profissionais (desempenhou cargos diretivos na Associação Portuguesa de Geomorfólogos e na Associação Portuguesa de Geógrafos). Este seu compromisso firmado com a ciência e com a causa pública, com os bancos da escola e com a sociedade civil é prova eloquente da forma de ser do homem que tantas pessoas, a título individual e institucional, quiseram saudar num vivo aplauso de gratidão naquela longa tarde de estio.

Na verdade, a circunstância da jubilação do Doutor Lúcio Cunha, no final deste ano letivo de 2023/24, congregou várias gerações de discentes da Faculdade de Letras, de colegas de profissão e de lides científicas, mas também admiradores, amigos e familiares, num comovido gesto de reconhecimento público pela carreira e pelo exemplo de generosidade que representa.

A geomorfologia, tão cara ao Professor Lúcio Cunha, foi a área do saber que elegeu para proferir a sua Lição, talvez por nela se entrelaçarem perfeitamente ciência e experiência, paixão e rigor, perscrutação da natureza e uso calculado da teoria, distanciamento analítico e cuidado com o detalhe.

Sem nunca deixar de problematizar nas suas conferências o lugar da Geografia numa Faculdade de Letras e a legitimidade da sua inscrição entre as ciências sociais, neste dia avançando uma resposta possível (amadurecida decerto ao longo de mais de quarenta anos de docência e investigação), o Doutor Lúcio Cunha ofereceu à heterogénea turma que tinha diante de si a síntese bem lapidada de uma matéria multímoda e interdisciplinar que o terá acompanhado a vida inteira e que, na atualidade, no zénite do seu *iter sapientiae* vai gerando renovadas inquietações. Fê-lo com o calor humano e a bonomia que são apanágio da sua pessoa, num equilíbrio entre o testemunho autobiográfico, a transmissão sábia de conhecimento e a advertência de alcance ético.

É que, além de ouvirmos falar de geomorfologia fluvial e cársica, o Mestre também refletiu connosco sobre o impacte ambiental da ação desumana, não raro camuflada de boas intenções e decorrente de comportamentos ávidos que potenciam riscos naturais e agudizam a vulnerabilidade social dos mais frágeis. Porque não há vergôntea da geografia física que possa ser verdadeiramente despegada do seu reflexo em todas as criaturas do planeta, percebemos o fascínio do investigador pelo Maciço de Sicó – poligénico, polifásico e reduto de inúmeras marcas da passagem do tempo – e a sensibilidade estética do homem, nutrida de admiração pelo Maciço Calcário Estremenho, cuja “espetacularidade das formas tem todas as condições para apaixonar os estudantes pela água e pela vida” (*Magister Lucius dixit*).

Ao apresentar o seu amado objeto de estudo, o Professor, Pai e Avô confessou ao auditório as suas apreensões presentes e a nebulosidade do porvir (a existência de uma economia predadora e pouco informada que esgota recursos e fragiliza o território e os habitantes; a difícil convivência, porquanto assimétrica, entre natureza e seres humanos; a patrimonialização da geomorfologia e as armadilhas escondidas na noção de cultura) e a necessidade de sensibilizar toda a gente para a importância do ordenamento e desenvolvimento territoriais, na fidelidade a princípios de coesão, de solidariedade e de justiça.

Se geodiversidade e geoturismo podem resultar numa melodia permeada de notas dissonantes, um dos viáticos a aplicar em casos de insensatez deverá ser o respeito pelos habitats, o sentido da responsabilidade e o equilíbrio entre o meio e os seus povoadores. Todavia, o verdadeiro segredo consiste no fomento de uma atitude concertada, em que as visões parciais e ultraespecializadas sejam preteridas em favor da articulação epistemológica virtuosa entre geografia física e humana, o(s) território(s) e os seus hóspedes.

Não sou geógrafa e infelizmente não fui aluna do Professor Lúcio Cunha, por isso sou canhestra para transmitir fiel e justamente o conteúdo da sua Lição. Acredito, porém, como antiga aluna da Faculdade de Letras de Coimbra que aqui iniciou o seu caminho há 25 anos e algumas vezes se cruzou quer com o geógrafo jubilado, em conferências e momentos de trabalho, quer com o bom conversador, que, a par do valioso legado científico paulatinamente construído, o Professor Lúcio Cunha sempre partilhou com quem teve – e continua a ter – o privilégio de contar com a sua presença ensinamentos que nenhuma lição, livro ou mensagem registada em código verbal podem transmitir. Habituei-me a conhecer-lhe o riso autêntico e bonacheirão, o cumprimento afável, a paciência e a solidariedade, a versatilidade para se adaptar a públicos não especializados, a genuinidade de quem viu mundo, mas nunca regateia ternura pelas coisas simples. Creio mesmo que, como leitor atento de Torga, assentam ao Professor Lúcio Cunha as palavras exaradas pelo poeta transmontano num dos seus *Diários*, inspirado pelo Açor, Serra da Lousã, no longínquo dia de 25 de outubro de 1942:

Devo às paisagens as poucas alegrias que tive no mundo. (...) As dobras, e as cores do chão onde firmo os pés, foram sempre no meu espírito coisas sagradas e íntimas como o amor. Falar duma encosta coberta de neve sem ter a alma branca também, retratar uma folha sem tremer como ela, olhar um abismo sem fundura nos olhos, é para mim o mesmo que gostar sem língua, ou cantar sem voz. Vivo a natureza integrado nela. De tal modo, que chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou nevoeiro. Nenhum outro espetáculo me dá semelhante plenitude e cria no meu espírito um sentido tão acabado do perfeito e do eterno (Torga, II, 1977: p. 71-72).